

“The beginning of the empire of fire”

As palavras derretem-se em névoa, provindas entre os lábios
só a tua mão
firme entre os meus dedos entrelaçada
sustem os ossos entrelaçados entre os teus dedos. Fica
não permitas que me desenlajem
os dedos entre os teus ossos guardados.
Da força à mão, a minha mão culpada
desenlajas o infinito
no espaço de ar entre as mãos apertadas,
arde o osso que se entrelaçam
de ponta a ponta
o cumprimento que não acaba.

Alberta Sousa, em “as memórias da terra do fogo”

Alberta Sousa afirmou uma vez numa entrevista, que lhe parecia que qualquer artefacto antigo era um objeto mágico por nos deixar, através dele, espreitar a eternidade. Depois deu o exemplo de um castelo, cito as suas palavras: “ (...) Olhe para eles, estão ali tão certos de si, altivos como quem tem pouco, ou julga ter muito pouco que aprender, não dão a mínima para nós que entramos e saímos pelos corredores, batemos portas, tiramos fotografias, que passamos. Se os observamos fixamente durante um dia, se questionarmos uma só pedra das suas muralhas durante um dia, não vamos ouvir sequer uma palavra, eles não se movem, não pensam, não se inquietam, existem, existem, existem, existem. Por isso sim, respondendo à sua pergunta, sim, gostaria que pelo menos uma escultura das que fiz, ou das que farei, durasse, durasse, durasse, durasse, exposta em museus, nas praças junto das esculturas equestres, seja onde for, desde que possa ser vista, e, assim acontecendo, que alguma vez vexa o olhar de alguém que distraído e desprotegido cruze o seu focinho, isto é, o da escultura, não o meu.” “A senhora acredita que uma obra sua pode perdurar tanto como perduram os castelos?” “Sim, se o que eu fiz tiver algum valor para o futuro, sim, mas não me cabe decidir sobre isso. Gostaria de poder comunicar com as gerações que se sucederão depois de mim através daquilo que construí. Se acharem que tenho algo de interessante para lhes dizer, sem dúvida que tal é possível, dei-me conta disso mesmo com uma carta que um amigo me remeteu.” O assunto passou despercebido, a entrevistadora não fez mais perguntas sobre o tema, nunca mais se ouviu falar desta carta. Creio que Alberta Sousa nunca a divulgou por medo de que a julgassem mais delirante do que já a creiam ser, apreciação de que era perfeitamente consciente, embora a fingisse ignorar. No âmbito de um projeto de investigação que estou a realizar, pude desfolhar os livros da falecida escultora e penso ter encontrado a dita carta, que agora publico pois creio que será do interesse de todos lê-la. O remetente é em parte desconhecido e viveu, sabe-se por testemunho do próprio, no nosso século.

*

Para alguém do futuro.

“The beginning of the empire of fire” é o melhor jogo de realidade virtual RPG criado até ao momento presente, século XXI década dos 30. Vários historiadores de universidades consagradas, como Harvard ou a Sorbonne, elogiam a sua fiel verossimilhança, sustentando que na construção deste, no que respeita à história, aos

personagens, os cenários, entre outros aspetos, não existe sequer um pormenor de ficção ou exagerada imaginação. Este interesse inusitado e subsequente louvor por parte da academia causou estrépito que ressoou por toda a Europa, de tal forma que certos professores em certas escolas secundárias, decidiram dedicar aulas a tours guiados pelo mundo forjado para jogo (estando este, obviamente, no modo pacífico), suportados cabalmente, como referi, pelos especialistas da área. A experiência mais real do que a aula convencional, erigida pelos gestos e palavras do professor, atrai os alunos, cativando-os a demorarem-se sobre o estudo do passado. Como consequência, os resultados dos exames finais da disciplina de história melhoraram substancialmente nos últimos dois anos, aferiu e publicou recentemente o *Noticias Aqui e Agora* (NAEA), e tão aparatosa evolução não se verifica apenas em Portugal, mas em toda a Europa, de tal forma que a *Lambda* pensa criar uma versão didática do jogo, que será disponibilizada às escolas mediante um determinado valor. Esta versão, se bem lograda, poderá substituir as visitas de estudo do período escolar no qual se analisa o império Igos, que como se sabe entre o século II e o século VII guardou toda a Europa sobre o seu domínio. É igualmente interessante o projeto de adicionar uma expansão ao jogo original, não direcionada às escolas, mas aos jogadores individuais, que se dedicará a explorar a vida privada e íntima do imperador Juliano, protagonista do jogo e o imperador mais importante da história dos Igonos, embora, devo desde já prevenir, não há muito a ser contado, isto, se a ficção não tentar os escritores da *Lambda* na construção da narrativa, o que me parece inverosímil dada as potencialidades sensuais que uma crónica deste tipo legitima explorar. Porém, a verdade é que a falta de fontes seguras não permite de momento avançar com o projeto, acredita-se apenas, baseado em escassos indícios, que o imperador morreu louco e esse é já argumento cativante o suficiente para procurar a verdade histórica.

Por seu lado, os jogadores desinteressados pela história antiga não hesitam em elogiar com o mesmo entusiasmo “The beginning of the empire of fire”, tanto pelos desafios que este os destina a enfrentar, como pela realidade que a experiência do jogo pode adquirir. Não são poucos os testemunhos de pessoas que afirmam sentir dores físicas fortes, ainda que por rápidos instantes, quando atingidas pelas armas do variado arsenal inimigo. Faz uns meses, não sei precisar quantos, mais de cinco julgo, entretanto perdi a conta ao tempo que se sucedeu a galope entre estrupidos e alardes, também eu pela primeira vez senti uma pontada no estômago, mais duradoura e crescente do que supunha ser possível, quando uma lança adversária me atingiu. Descobri em mim um misto de alegria e agonia efusiva ao encarar as mãos trémulas transfiguradas pelos óculos VR depois de estas deixarem cair o comando, isto é, o par de espadas assustadas, tanto como eu subitamente. De novo as duas palavras garrafais a vermelho vibrante sobre o lodo e os cadáveres estalaram: “game over”. Tinha que tentar outra vez.

De novo perdi, não tinha tempo para recomeçar novamente, nesse dia aprovei no exame de código da estrada.

No caminho para a escola de condução senti o corpo cansado, dormente, uma dormência que principiava desde a zona onde fora virtualmente atingido, dormente como se toda a panóplia de movimentos simultâneos que um emprega, por exemplo, para andar, deixassem os músculos confusos. Escutei também um certo tom rouco na voz enquanto falava pelo telemóvel com o António, características que não me surpreenderam visto que tinha passado toda a manhã a jogar. Estava cerrado em mim mesmo, a voz que ouvia, ouvia provinda desde profundos

tuneis bastante apertados, no interior dos quais ela navegava até alcançar à tona os meus lábios, já em esforço, esganada.

No interior da sala de exames o inspetor observava-me demoradamente, enquanto esperava ordem superior para dar início à prova. Não sei o que vi de estranho em mim, julgo que me achou nervoso pela forma como remexia o queixo. Eu não estava nervoso, estava sim surpreendido com o tamanho dos pelos que me cresciam na zona da pera. Ri-me, o que o surpreendeu, se me desmazelo muito – pensei- torno-me *El Caballero de la mano en el pecho*, o que não me desagradaria nada. Quando o inspetor demorou mais tempo a atentar o meu rosto que o dos restantes concorrentes para comprovar a igualdade com a fotografia do cartão de cidadão, julguei que o fazia por vingança, nenhum homem que representa a autoridade e a intimidação gosta que um subalterno se ria de contente na sua presença.

Todavia o episódio inquietou-me, de modo que cheguei a casa e comparei-me com uma fotografia capturada em junho de 2034. A diferença residia sobretudo na linha dos maxilares, que menos definidas, afogadas por debaixo da carne das bochechas, pareciam paralelas uma à outra na fotografia, concedendo ao rosto um formato quadrangular. No espelho a cara que encontrava era delgada, a linha de ambos maxilares convergia até ao queixo severamente, por isso supus que os meus olhos e a minha boca pareceriam mais pequenos, para além de destacar a curvatura aquilina do nariz, mais mordaz do que antes, o que admito me envaidece bastante. Pude compreender o inspetor, de facto estava algo mudado, sabia que tinha perdido bastante peso desde que começara a frequentar o ginásio, mas nem eu tinha dado nota de resultados tão evidentes, efetivamente, pareceram-me bastante precipitados, no entanto, tal raciocínio chegou para me serenar quanto à minha identidade. Por volta das quatro alguém tocou à campainha, ao princípio pensei que se tratava de um conjunto de trompetas de guerra, eu estava a meio da batalha mais importante do jogo, e uma das mais difíceis de ultrapassar, tinha a adrenalina ao rubro. Só ao segundo temblar dei fé que alguém se anunciava diante da porta de entrada. Sai, era um homem alto, um pouco pálido, de corpo esguio e ossudo, vestia um pullover vermelho cor de sangue vibrante que se destacava da restante vestimenta. Do topo de uma árvore alta ouviu-se grasnar um pássaro, um nó negro, ele, rápido, olhou para trás, talvez pressentindo algo ameaçador, só depois começou a falar. Por equívoco fora parar a sua casa, número 11 daquela rua, uma carta que me era dirigida, eu vivia no número 110. Entregou-me, agradeceu-me, ele foi embora sem mais assuntos saudando-me com uma vénia, gesto inesperado que me deixou de tal modo confuso, que apenas alcancei responder com a imobilidade altiva do meu corpo e um curto “até amanhã”, palavras que não lhe provocaram espanto, embora o mais certo era, acreditava, não nos voltarmos a ver. Dada a ansiedade, voltei para dentro e recomecei a batalha que deixara a metade.

De noite tive alguma dificuldade em adormecer devido a uma estranha dor de dentes. Não eram as raízes que me doíam, tampouco sentia qualquer arder mais acima nas gengivas, nem sequer era bem uma dor, mas sim uma espécie de comichão nas extremidades dos dentes, como se algo as corresse, as massacrasse devagar. Uma sensação similar, porém mais ténue ainda, cercava o pulso direito. Sonhei, ou a bem dizer, senti, porque ignoro que tenha entrevisto imagens, campos laranjas, espaços infinitos de fogo, tão suave como a água. Eu

nadava no meio, invisível, gesticulando com os braços, não compassadamente como quem nada, mas com uma sorte de movimentos caóticos, que julgava no entanto necessários para avançar.

O imperador Juliano, escrevem os historiadores e assegura a história, para que não o surpreendessem durante o sono alvoraçado e pouco profundo, dormia com uma adaga encurralada entre os dentes e uma espada atada ao pulso direito por uma corda. Quando acordei, desperto pelos dedos de um homem branco, esguio, com olhos esbugalhados, essa era a minha sorte. Nessa primeira madrugada quase morria degolado pela adaga, não fosse o instinto de a cuspir e tal morte ter-me-ia sido despachada. Desconheço o que me fez regredir no tempo e encarnar o corpo, algo do espírito (tornei-me severo com os outros, os meus subordinados, e um pouco mais covarde do que antes) e receber ainda todo o poder do imperador Juliano, mas deduzo que o golpe do inimigo (virtual?) pelo qual fui atingido tenha precipitado e principiado a transformação. Remeto, enterrando-a nas profundezas da terra no interior de uma caixa de prata, esta carta ao mundo que existe depois de mim. Desejo alcançar alguém, contar-lhe este acontecimento surpreendente sem que me julgue louco, como todos começam a sussurrar por este século que se numera com uma só mão. Se descrevo os factos respeitantes ao século XXI tão detalhadamente e sem me desmascarar, é para provar ao meu leitor que pertença a três estâncias de tempo distintas (distintas?) das quais não sei a qual chamar presente, passado e futuro. Suponho que lá, no século XXI, a vida prossiga, se ao menos pudesse escrever aos meus pais. Mas devo calcar a mágoa e com ela untar a minha espada, que ela, a mágoa, atinja apenas meus inimigos e os despedace às portas do castelo que violentos almejam proteger, amanhã acordo para mais uma batalha, parece-me que decisiva para consagrar de uma vez para sempre a hegemonia do nosso império e mal posso conter a emoção, o sono demora a chegar.